

CAPITU: ANTI-REFLEXO DE UMA SOCIEDADE CONSERVADORA.

CONCEIÇÃO, Rosângela Feitosa de S.

rpmconceicao@yahoo.com.br

COSTA, Cleonice Rezende da.

cleo_rezende@yahoo.com.br

SANTOS, Elias dos.

elias_ascanart@yahoo.com.br

LIMA, Luiz Eduardo de A. (Orientador).

Profº do Curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes (UNIT).

leduardoalima@uol.com.br

RESUMO

Capitu, a mais discutida personagem feminina da ficção brasileira é a figura central da obra de Machado de Assis: Dom Casmurro. Mulher-cabeça, de marcada independência de pensamento e atitudes, com os pés no chão da objetividade, porém, se analisada pelas palavras de Bentinho, seu marido, é interesseira, adúltera e volúvel.

Mesmo assim, Capitu representa a insubordinação ao domínio machista cultivado pela rígida sociedade contemporânea, em que seu posicionamento revela a ruptura com os valores internalizados nas mulheres do seu tempo e que só mais tarde começaram a ser substituídos.

Palavras-chave: Capitu, conservadora, feminina, machismo, sociedade.

INTRODUÇÃO

O presente artigo científico cujo tema é “Capitu: anti-reflexo de uma sociedade conservadora” pretende discutir sobre o papel exercido pela mulher na antiguidade e nos dias atuais.

Para isso partimos do princípio de que até meados do século XIX, as mulheres só tinham dois caminhos a serem seguidos: o celibato e o matrimônio. Sendo que o matrimônio, era a única maneira que a mulher possuía para alcançar a ascensão social, uma vez que não lhe permitiam atividades que lhe possibilitassem promover-se socialmente por esforço próprio.

Já a vida celibatária era pouco seguida pelas mulheres, pois significava manter-se dependente financeiramente do pai, ter que acompanhar a mãe em suas visitas, cuidar da educação dos sobrinhos ou entregar-se aos infundáveis bordados. O celibato tanto servia para preservar a honra da menina e oferecer-lhe uma vida digna como uma espécie de casa de correção, para qual pais e maridos enviavam suas respectivas filhas e mulheres de conduta moral indesejada.

Enquanto que para a mulher era destinado o papel de esposa e mãe, o homem podia seguir uma carreira, constituir uma família e trabalhar a fim de ter condições de manter sua mulher e seus filhos.

Esse quadro em Dom Casmurro foi diferente, já que Bentinho era fraco, tímido e não sabia reagir ao domínio de Capitu, mulher sábia, esperta, em busca de sua liberdade.

Nesse sentido, destaca-se a relevante importância da igualdade de direitos entre homens e mulheres, como prática social e cultural, acreditando que a mulher possui a mesma capacidade de ser, agir e pensar do homem.

Como mostrou Capitu no desenrolar de toda a história, seja quando aprendeu latim, seja quando tomou a iniciativa em namorar Bentinho. Porém, devido ao pensamento conservador, ela foi taxada de adúltera, interesseira e ambiciosa ao casar-se com Bentinho a fim de adquirir ascensão social.

Mas através de muitas lutas e opressões, as mulheres, assim como Capitu, vêm cada vez mais conquistando o seu lugar na sociedade como mães, esposas ou profissionais, o que antes só cabia aos homens.

Portanto, este trabalho tem por objetivo refletir a cerca da figura feminina na sociedade, tendo consciência de que para chegar onde estão elas, superaram vários preconceitos e desigualdades. Principalmente, ao serem inseridas no mercado de trabalho, principal fator que auxiliou na independência financeira feminina.

Enfim, para atingirmos o auge de nossa pesquisa selecionamos livros, revistas e teses, a fim de analisarmos, interpretarmos e produzirmos o nosso artigo, seguimos o caminho metodológico do estudo bibliográfico, que consiste em manter-se o máximo informado, evitando uma visão curta do problema.

CAPITU E A OBRA MACHADIANA.

Até meados do século XIX o pai era o chefe da prole, era ele quem decidia o futuro dos filhos e monopolizava o interesse da mulher, a qual ocupava um lugar secundário. “Esta visão que se possuía da mulher, aliada à sua total carência de poder, seja ele político ou econômico, contribuiu para que ela tivesse uma função “conservadora” na sociedade”. (STEIN, 1984, p.24).

A mulher exercia a função procriadora e administrava as tarefas domésticas. Dirigia os trabalhos da cozinha, supervisionava a arrumação da casa e observava o cuidado das criadas com as crianças, além de ocupar-se com serviços de costura, bordados e organizar reuniões e festas.

Capitu é o anti-reflexo desta época, destes hábitos, destes costumes, em que com nem menos nem mais luz, os olhos de uma menina de quatorze anos já denunciavam o olhar de toda uma vida. Personagem forte, definida, completa, com uma capacidade sedutora apresentada permanentemente por Machado, ao longo de todo o livro.

“Não podia tirar os olhos daquela criatura de 14 anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas”. (ASSIS, 1900, p.34)

O trecho acima contém adjetivos que anunciam a entrada em cena de uma personagem marcante, de vontade firme e determinada que irá se confrontar com os costumes daquela época. Costumes estes que não permitiam que as mulheres estudassem e aprendessem a ler, somente lhes eram ensinadas técnicas manuais e domésticas.

Até mesmo porque desde o Brasil colonial a instrução feminina era negligenciada, era considerada uma heresia social. Pois como a menina tinha por obrigação casar e procriar, bastava o aprendizado de conhecimentos condizentes com o seu futuro papel de mãe e esposa, como música, canto, dança e trabalhos de agulha e de tesoura.

Está ignorância era imposta a mulher de forma a mantê-la subjugada desprovido-a de conhecimentos que lhe permitissem pensar em igualdades de direitos e deveres.

A vedação da mulher ao conhecimento escolar tinha dois motivos básicos, em primeiro lugar, a hipótese de que o convívio entre homens e mulheres poderia provocar relacionamentos impuros; em segundo, porque sendo a instrução dada somente aos homens, as mulheres sempre seriam submissas a eles.

A mulher era educada para sentir-se feliz como “mero objeto” porquanto só conhecia obrigações, obrigação de servir ao pai enquanto menina e ao marido enquanto mulher.

Mas Capitu, contrária às idéias do seu tempo mostrava-se em conflito, pois sendo fruto de uma educação conservadora, repressora da figura feminina, buscava libertar-se dos padrões antigos em face das transformações. Aprendera a ler, escrever e contar, as doutrinas e obras de agulha, além das línguas latina, inglesa e do gamão, ensinado por seu tio Cosme, música e pintura.

“Querida a notícia das tribunas da Capela Imperial e dos salões dos bailes. Nascera muito depois daquelas festas célebres. Ouvindo falar várias vezes da Maioridade, teimou um dia em saber o que fora este acontecimento; disseram-lho, e achou que o imperador fizera muito bem em querer subir ao trono aos 15 anos”. (ASSIS, 1900, p.34)

O trecho acima deixa claro o motivo porque Capitu com seu modo de ser, agir e pensar suscitou ensaios, interpretações e comentários nas pessoas que fizeram parte daquela sociedade conservadora em que estava inserida.

Diferentemente das moças da sua época, Capitulina, carinhosamente chamada de Capitu, além de desinibida, de “meter seu nariz” onde não devia, de gostar de saber de tudo, vivia de segredinhos, brincadeiras e namoricos com o seu vizinho Bentinho, o qual mais tarde passou a ser seu marido.

Afirmar como era Capitu seria uma temeridade, uma audácia, pois ela aparece no romance ainda criança, alegre, despreocupada, cheia de sonhos. E no desenrolar da história ela passa a ser descrita por Bento Santiago, o Bentinho, ninguém menos que seu marido. Um homem de personalidade fraca, que faz dele um prisioneiro das vontades da piedosa mãe que sonha em vê-lo ordenar-se padre. Esta fraqueza é relatada no romance pelo próprio Bentinho. “Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem”. (ASSIS, 1900.p.61)

Passagem que nos faz perceber que a submissão feminina de nada tinha a ver com a capacidade física, em que o homem é taxado como mais forte do que a mulher. Mesmo porque nos primórdios homens e mulheres desempenhavam uma função social igual, as quais enquanto o homem caçava e pescava, a mulher desenvolvia a agricultura e cuidava dos afazeres domésticos, além de fabricar utensílios diversos.

O que ressalva que a exemplo de Capitu que teve um filho de nome Escobar e se analisarmos os traços de uma ideologia conservadora, a figura da mulher em nenhum

momento surgiu dissociada da figura de mãe. Ao contrário, é vista como algo natural de onde emerge a figura da mulher sedutora, da mulher-mãe e esposa ao jeito tradicional da mulher-objeto.

Assim, observa-se que os aspectos socioculturais e históricos presentes na construção do corpo feminino moldaram, desde a infância, a mulher para ser a “rainha do lar” restrita ao ambiente familiar e ao discurso ideológico da submissão.

Submissão esta que tem por exemplo mais completo o mito da criação do mundo, o qual tem a intenção de inferiorizar a figura feminina, uma vez que mostra uma Eva que nasce da costela de Adão e ainda o induz ao pecado.

Como na história protagonizada por Bentinho, onde ele induz Capitu a um possível adultério, a criação do mundo controlou-se numa imagem negativa, distorcida do sexo feminino. Em que a culpa, o pecado, o erro são introduzidos no mundo por uma mulher, estabelecendo, então, uma cadeia mulher-sexo-pecado.

Entretanto Machado de Assis ao criar Capitu, criou uma personagem que rompeu com o código social e transgrediu as normas patriarcais que se impõem. Capitu não foi uma mulher submissa e quando interrogada a respeito da traição, ela optou por calar-se em prol de sua dignidade e de sua honra.

Partindo de um pensamento conservador, há duas tendências dominantes sobre a intensidade e a brutalidade dos ciúmes do protagonista. Uma sociológica, que aponta para o caráter de senhor patriarcal de Bento Santiago que veria a mulher como propriedade sua; e

outra psicológica, que lhe atribui uma insegurança doentia que o leva a desconfiar de tudo e de todos.

“Enfim, chegou a hora da encomendação e da partida. Sancha quis despedir-se do marido, e o desespero daquele lance consternou a todos. Muitos homens choravam também, as mulheres todas. Só Capitu, amparando a viúva, parecia vencer-se a si mesma. Consolava a outra, queria arrancá-la dali. A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...” (ASSIS, 1900, p.190)

O romance *Dom Casmurro* apresenta uma realidade socioeconômica e cultural, onde a figura feminina não está inserida no processo de produção, o que a leva a buscar o matrimônio a fim de alcançar sua insurgência no social. Capitu é uma personagem reveladora dessa condição social, já que vive num contexto em que o papel social definido para a mulher é o de esposa e mãe, conquistado através de casamentos de conveniência. Sem esquecer que também nesse contexto, Capitu foi astuta, uma vez que mesmo tendo casado por conveniência ela não só escolheu o marido como tomou a iniciativa em namorá-lo.

Buscando no casamento a ascensão social, Capitu é tida como interesseira e fingida na relação amorosa, o que a teria conduzido ao enigmático adultério. Já que uma mulher forte e decidida, não poderia manter-se amando um frouxo como marido, e sua audácia não permitiria a separação, sendo a traição, para o autor, menos grave naquela época. “Era mulher por dentro e por fora, mulher à direita e à esquerda, mulher por todos os lados, e desde os pés até a cabeça”. (ASSIS, 1900, p.138)

Faz-se necessário ressaltar que, Capitu é incapaz de agir puramente por interesses próprios, mas qualquer declaração de sentimentos verdadeiros é interpretada como ambição.

Na verdade, o fato de não ser levada a sério, no sentido de não ser considerada uma pessoa confiável, constitui o verdadeiro dilema da personagem que, perseguida e rejeitada, faz a opção pelo silêncio como escudo.

Mas não devemos esquecer que Machado, em *Dom Casmurro*, retrata um narrador patriarcal, autoritário, detentor do poder, que tem a mulher como um ser subordinado, dependente, inferior. Nesse sentido, os olhos de Capitu correspondem em termos de força e intensidade, às palavras do marido; silenciada, acuada e sem a menor possibilidade de defesa, Capitu é punida de sua possível transgressão. É enviada à Suíça e lá sua morte simboliza a manutenção da ordem rompida, ou seja, o adultério.

Adultério que não foi comprovado pelo autor, até mesmo porque ele sequer tinha provas, o que ele possuía na verdade eram somente dois indícios: a semelhança física entre seu filho Ezequiel e o amigo Escobar, assim como Capitu parecia com a mãe de Sancha e o comportamento de Capitu no enterro de Escobar.

Porém a força de Capitu preenche a fraqueza de Bentinho, enquanto ela é completa, ele é todo constituído por partes, uma figura montada pela mãe, pela condição social e por insegurança; é mais parte do ciúme do que da maturidade.

Mas este quadro vem se revertendo à medida que a mulher vai ganhando lugar na sociedade, em especial após a vigência do código comercial, o qual passou a admitir a mulher no setor de trabalho, como doméstica, artesã, comerciante, trazendo para a mulher a oportunidade de prestar atividades gratificantes e lucrativas, antes exclusivas ao homem, ao sexo masculino.

Pois uma vez lhe dado chance, a mulher pode provar que sua fragilidade e incapacidade verdadeiramente não existem, deixando evidente que a aptidão mental de homens e mulheres são iguais. Que as afirmações como: futebol é para menino e não para menina, homem não chora, não passam de mero machismo, conservadorismo, pois como já falamos homens e mulheres têm igual aptidão física e mental.

Capitu, mulher-cabeça, de marcada independência de pensamentos e atitudes, com os pés no chão da objetividade é o principal exemplo de contradição às idéias contemporâneas conservadoras.

Ela representa a revolta ao domínio machista cultivado pela rígida sociedade de seu tempo, em que seu posicionamento revela a ruptura com os valores internalizados nas mulheres que só muito mais tarde começarão a ser substituídos.

O ingresso da mulher no mercado de trabalho possibilitou a conquista de sua independência financeira, abalando a sociedade e os alicerces da família patriarcal. E como tudo tem seu preço, o cotidiano feminino passou a ter dupla jornada de trabalho, pois a cultura existente não foi modificada apenas foi adaptada à nova realidade.

Visto que o homem continuou cobrando-lhe os afazeres domésticos, o que deixa evidente que a sociedade machista se sente ofendida com a conquista da liberdade que a mulher vem adquirindo.

Não percebendo que homem e mulher é complemento um do outro, só que o homem é mais racional e conservador, e a mulher é mais sentimental e inovadora. Mas a união destas

características produz equilíbrio e eficiência na formação educacional e no sustento da espécie humana.

Entretanto, homem e mulher precisam organizar-se de forma a evitar disputas de poder. Disputas estas que geram violência dentro da família e comprometem a sociedade também. Lembrando que toda sociedade, toda família, todo casal dividido contra si mesmo e sem liderança, com certeza fracassará, assim como Capitu e Bentinho.

Já que o papel da mulher não é de auxiliadora, nem de imitadora, nem de competidora do homem, nem tampouco de submissa, inferior, mas de companheira de vida, com igualdade de direitos, conquanto em diversidade de funções naturais.

A FIGURA FEMININA PERANTE SUAS CONQUISTAS

Antigamente, a mulher vivia em uma sociedade patriarcal e machista, na qual seus direitos políticos, econômicos e sociais eram massacrados pela figura autoritária representada pelo poder masculino: o pai ou o marido. Esses direitos eram-lhe negados em consequência da interpretação dada à expressão “cidadão brasileiro” citada na Constituição. Pois à palavra “cidadão” dava a entender que se tratava exclusivamente do sexo masculino.

Nesse sentido, a mulher não era detentora da condição de cidadania e não era considerada cidadã porque não tinha direito ao voto, só permitido aos “cidadãos”. Ou seja, as mulheres eram prisioneiras de um sistema rígido onde os seus valores como cidadãs e sua dignidade eram ignoradas.

Durante um longo período, a figura feminina representou objeto de exploração sexual ou apenas uma apagada função de prendas domésticas, sem ter seus direitos respeitados nem seu trabalho valorizado. “Não é exagero afirmar que o casamento colocava-se, para as mulheres, no mesmo nível que profissão, carreira política ou riqueza para os homens”. (STEIN, 1984, p.65)

A participação política da mulher era restrita, não tinha direito ao voto e era obrigada a aceitar o marido que seu pai escolhera, o chamado casamento por convenção. Após o casamento, muitas vezes, convivia com agressões físicas e psicológicas oriundas do marido, produto de uma educação que pregava a superioridade do homem.

“Não deixa de merecer consideração a existência no país, então, de mulheres conscientes da discriminação do sexo feminino na sociedade – e empenhadas publicamente em combater esta

situação. Se não aceitavam esta inferioridade como natural, mas sim como resultado da educação desigual dada às mulheres, enfatizam, por outro lado, os benefícios que a elevação do nível desta educação traria ao desempenho do lar". (STEIN, 1984, p.52)

Porém de alguns anos para cá, as mulheres vêm conquistando, as duras penas, mais espaço e respeito na sociedade. Sua participação vem sendo cada vez mais nítida e esta perspectiva se deve a inúmeros fatores, como a ocupação de espaços no mercado de trabalho, o direito a uma educação igualitária e de qualidade, emancipação política, além da proteção da Lei Maria da Penha, em casos de violência e assédio.

Visto que, desde o início da humanidade a cultura era o instrumento de exclusão em relação a pobres e mulheres. Hoje, com a crescente emancipação feminina esta disparidade vem se alterando, pois graças ao acesso à escola e a formação intelectual semelhante à do homem, as mulheres podem exercer seus direitos perante a sociedade, além de ingressar como chefes em inúmeras repartições.

Pois, de todos os méritos alcançados pela classe feminina, a entrada no mercado de trabalho foi a mais notável, a mais significativa, por implicar na quebra de uma regra da sociedade que imperava há milênios: a mulher mãe e esposa. Lembrando que atualmente existem casos em que a figura feminina é chefe-de-família, independente e cria os filhos sozinha, sem ajuda paterna.

A partir dessas definições, podemos concluir que estas transformações femininas vêm ocorrendo devido às lutas históricas de resistência à opressão. As quais representam a ousadia cotidiana das mulheres que, apesar dos direitos legais conquistados, se mantém ativas e organizadas para que na vida elas sejam respeitadas.

Mas apesar de toda conquista as mulheres ainda enfrentam discriminação quanto à oferta de empregos, desigualdades salariais, sofrem violência doméstica e no trabalho, assédio sexual e moral, levando-as muitas vezes ao trabalho informal, sem direitos sociais e trabalhistas.

Em suma, homens e mulheres terão de aprender a conviver com a nova realidade feminina de poder, status e dinheiro com respeito mútuo, diálogo aberto e divisão do trabalho profissional e pessoal, acometendo ambos a iguais funções. Neste sentido, a mulher deve seguir dois caminhos: o de ser feminina-mulher-mãe e o de ser agente social, econômico e político. Uma mulher participativa, trabalhadora e que quer contribuir para a evolução dos tempos, como um ser humano que pensa, tem forças e é útil à sociedade.

Já não se pode pensar numa mulher submissa, contudo a mulher deve compreender sua função social como companheira do homem e partir para uma igualdade de participação, tanto no contexto social, como no econômico, tendo em vista que sua atuação de igualdade cada vez mais se concretiza.

CONSIDERAÇÕES

Capitu é um arquétipo bem brasileiro das meninas pobres que procuram ascender de classe à custa do casamento, planejado maliciosamente e por mero interesse. Figura humana, viva, complexa, honesta e culposa, mas que enfrenta a própria tragédia com boa dose de impassibilidade, sem mesmo procurar convencer ninguém da sua inocência.

E, assim, como a história de Dom Casmurro que é contada por Bentinho, a história da humanidade é quase toda contada através da perspectiva do discurso masculino, o que sempre tende a sufocar a expressão da mulher enquanto agente histórico, social e cultural.

Antigamente, todos os passos familiares eram dados de forma minuciosamente pensada e elaborada de forma a preservar e, se possível, aumentar o patrimônio da família, fosse esse material ou moral. O que por representar uma repressão à personalidade da mulher, trouxe à tona um desejo de liberdade, de amar e ser amada, o desejo de realização fosse pessoal ou profissional, desejos estes que sempre existiram no íntimo da mulher.

Essa revolta enrustida, esse anseio de liberdade, trouxe profundas modificações na vida profissional, intelectual e social da figura feminina. Pois, as mulheres passaram a lutar por todo tipo de liberdade: moral, intelectual, social e até mesmo física.

Luta esta que é velha e precisa de mais esforço, para que não exista o diferencial entre homem e mulher, mas que todos devem ser iguais como seres humanos que pensam, que produzem e que quer seu espaço na sociedade moderna, para poder avançar conjuntamente com todos aqueles que buscam a melhora conjunta para todos.

Entretanto, a mulher busca seu espaço e esta é uma atividade política e deve exercê-la com muita eficiência; pois, ela antes de tudo é um ser humano que tem braços, tem pernas, tem cabeça e raciocina como qualquer pessoa viva do planeta terra. Só que, esse espaço político deve ser conquistado sem exageros, tendo em vista que qualquer excesso é, e deverá ser sempre, condenável por qualquer ser humano.

Já não se pode pensar numa mulher submissa, por isso a mulher deve compreender sua função social como companheira do homem e partir para uma igualdade de participação, tanto no contexto social, como no econômico, tendo em vista que sua atuação de igualdade cada vez mais se concretiza. E essa conscientização da mulher como um ser que deve ter funções de igualdade com o homem, só se concretizará efetivamente, quando ela tiver sua independência política e econômica, tal como não pensar numa vida conjugal como investimento, como uma forma para mudar de vida.

Mas apesar de todas as conquistas femininas ainda existem resquícios de uma sociedade conservadora, em que o próprio preconceito arraigado no íntimo de muitas mulheres criadas sobre a égide da supremacia masculina, obstaculiza o maior sucesso da luta que ainda se trava contra o preconceito.

Sem esquecer que algumas mulheres por idolatria a vida de conforto e riqueza abrem mão de sua própria identidade, apresentando-se, simplesmente, como esposa do senhor fulano de tal sem, sequer, mencionar o próprio nome.

Enfim, o que se busca pela igualdade entre homens e mulheres não é a guerra, nem a masculinização da mulher. O que se busca é o respeito mútuo, a soma de forças para juntos buscar uma vida melhor e mais digna para todos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Dom Casmurro. 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1977.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação – referências – elaboração. São Paulo: ABNT, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: informação e documentação – citações em documentos – elaboração. São Paulo: ABNT, 2002.

BRANCO. Eustáquio Lagoeiro Castelo. Amor de Capitu. Disponível em: <http://www.eduquenet.net/amorcapitu.htm>. Acesso em: 17 mai. 2007.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. Manual de Artigos Científicos. São Paulo: Editora Avercamp, 2004.

LINDOSO, Rafael. Capitu, culpada ou inocente? Disponível em: orbita.starmedia.com/~vithorhp/capitu.htm. Acesso em: 08 mai. 2006.

STEIN, Ingrid. Figuras femininas em Machado de Assis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

TUFANO, Douglas. Estudos de Literatura Brasileira. São Paulo: Editora Moderna – 5ª ed.rev. e ampl. 1995.

PÓLVORA, Hélio. CAPITU: Inocente ou Culpada? Disponível em: paginas.terra.com.br/arte/dubitoergosum/arq35.htm. Acesso em: 21 abr. 2006.

PÓLVORA, Hélio. Machado de Assis. Disponível em: http://www.vidaslusofonas.pt/machado_de_assis.htm. Acesso em: 17 mai. 2007.